

# Diario de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS  
Editor: — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA  
ADMINISTRACAO — Rua da Rosa, 57, 2.<sup>o</sup>  
Endereço Telegrafico: DIBOA

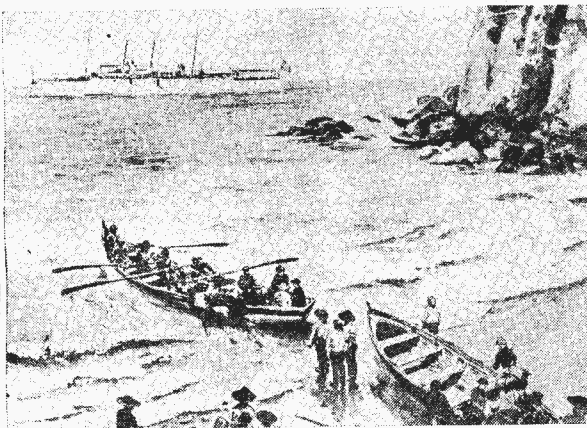
DIRECTOR  
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA  
Redacção, composição e Impressão  
RUA LUIZ SORIANO, 44  
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

DESFAZ-SE UMA DUVIDA QUE  
COMEÇAVA A SER HISTORICA

## O embarque da familia real para o exilio

O «Diario de Lisboa» ouve o comandante  
do antigo iate real «Amelia»



O embarque da familia real, na Ericeira, para bordo do iate «Amelia» que se vê ao fundo

FACTO de Jorge VI ter visitado Baldwin, seu antigo primeiro ministro e igualmente primeiro ministro de Eduardo VIII, causou certa impressão, fora de Inglaterra.

O rígido tradicionalismo inglês, em suas apertadas malhas de etiqueta, não exclui uma grande liberdade de movimentos, fora do circulo circunscrito dos protocolos. Num país onde cada cidadão é cioso da sua liberdade—como não ha-de principiar por a gozar o rei?

Mos se nas pessoas menos prevenidas acêrca dos processos ingleses causou impressão a visita real a um homem que hoje não ocupa posição alguma, a presença dos chefes da opposição em casa de Baldwin no momento da visita real chegou a provocar estranheza, revestida de admiração.

Jorge VI quis conhecer pessoalmente os «leaders» trabalhistas, conversar, ouvi-los.

O suborno pela cortezia, a compra de tolerancias pela aproximação não são processos que os ingleses entendam. Essa hipotese só no exterior das ilhas britannicas podia ser admitida.

Não se tratou de conquista, de simpatias, sequer. Uma reunião de «gentlemen» em casa de Baldwin como podia ser num campo de corridas.

Em todo o caso, fora de Inglaterra factos como estes podiam ser tomados como um exemplo. Eles dimanam de um conceito superior da politica e de rasgada interpretação da vida em face das realidades.

\* \* \*

**H**ENRI Troyat, o laureado do «Premio Goncourt», tem apenas 27 anos de idade e estreou-se como romancista aos vinte. E' de origem russa e está naturalizado francês. Além de escritor, é um excelente desenhador. Antes de escrever os seus romances, faz primeiro o «croquis» das personagens.

E' tímido, vive com os pais e em familia só fala russo. Tem uma vida modesta, joga o «chess», está noivo e não tem telefone em casa. Há alguns meses encontrou na plataforma dum «autobus» uma rapariga com quem sympathizou. Ela, por sua vez, gostou dele. E vão-se casar.

Vinte e sete anos, uma noiva bonita e o «Premio Goncourt»—não é preciso mais nada para ser feliz.

\* \* \*

**A**RCO de S. Bento está a ser demolido. Mas demolido com ordem, isto é: simplesmente apeado em obediencia ao plano de desajogo do local, para protecção do Palacio da Assembléa Nacional.

Será colocado noutro sítio. O majestoso Arco, na sua simplicidade de linhas doricas, tem interesse architectónico, e até historico, a pesar-de não ter ainda dois seculos.

E onde será colocado o arco? Não sabemos responder. Quanto se tem aventado parece-nos apenas noticia de palpíte.

Estamos na quinta do Torneio, em Porto Salvo, arredores de Oeiras. Uma velha casa de campo no meio dum parque que o inverno desfolhou. Solidão. Nem as aves cantam, entristecidas pela chuva e pelo vento.

Um caseiro amavel acompanha-nos: —E' aqui. Faz favor de bater...

Um grande portão de madeira. Puxo uma corrente enterrada e a sineta toca, compassadamente, três badaladas. Um cão que, pelo ladrar, deve ser animal de respeito, dá o alarme por forma ruidosa. Esperamos uns momentos. Chove. Uma criada, uma simpatica velhota, vem acolher-nos.

—E' aqui que mora o sr. comandante Caldeira?—interrogo á queima roupa.

—Sim, senhor. Queiram ter a bondade de entrar.

Uma legião de perus, patos e galinhas povoa o largo e claro pateo do solar. Verifico, não sem certo prazer, que o cão está preso por uma grossa corrente...

Entramos na saleta-«hall». A criada pede-me o meu cartão. Entrego-lho e espero. Mas espero pouco. Outra porta se abre e eis-nos numa grande sala, o salão deste solar de provincia. Mobilado á antiga, tem todo o sabor de uma casa de campo num montado do nosso alentejo. Os meus olhos fixam-se logo num retrato de D. Manuel II, autografado, sobre uma mesa. Rodeliam o soberano homens do seu tempo, figuras que foram do Pato ou das Côrtes e que são hoje vultos duma historia que está ainda por escrever.

Sinto-me dominado pelo sentido evocativo de tudo isto e proponho-me dar uma volta por esta sala de recordações e de saudades, onde á luz da tarde invernos entra suavemente, coada pela folhagem de uma trepadeira fiel que consegue resistir á intemperie.

Mas o meu proposito é contrariado pela amabilidade do velho habitante deste palacio solarengo. Ao fundo da sala, sem ruído, com aquela quietude impressionante da moradia ha uma porta que se abre. Não limiar, desenha-se a figura pequenina de um ancião, ligeiramente alquebrado, as pernas arqueadas, a face sulcada pelas rugas dos seus 83 anos, onde uma leve barbicha aflora, aqui e acolá, para se prolongar depois discretamente pelo queixo, debruando a branco o seu rosto afilado, esguio, rectilíneo—geometrico: é João Velez Caldeira, o marinheiro ilustre que comandava o iate real «Amelia», quando o trono ruíu em 5 de outubro de 1910.

Nas orbitas, profundas como os escorvões do seu navio, ha dois olhos brilhantes que me fitam, se não com espanto, pelos menos com surpresa. E parece que lhe adivinho estas palavras:

—Um jornalista e um fotografo? Mas que querem estes homens de mim? Eu morri ha vinte e oito anos...

Estatico, entre portas, João Caldeira deu-me, no primeiro momento, a impressão de um homem que o tempo inutilizara. Pareceu-me ver nele um quadro centenário, uma reliquia da Marinha do seculo XIX, uma lenda, uma sombra ou uma saudade.

Mas quando ele, decidido, quasi viril, marchando com firmeza, se me dirige—uma mão francamente estendida—com uma voz clara e bem timbrada, então vejo o homem ainda moço de espirito e de maneiras, o homem que temperou no mar o caracter e os musculos.

—Tenho a honra de falar ao capitão de fragata João Velez Caldeira, não é verdade?

—Não, não. Equivocou-se. Está falando apenas ao civil João Velez aldeira. O

(Ver continuação na pagina central)

**D**UAS frases foram pronunciadas na Camara dos Deputados franceza e que parece terem logrado a unanimidade dos aplausos.

—A França tem que ser capaz de concentrar todas as suas energias nacionais. A aproximação franco-alemã é de desejar, mas é preciso que se faça de igual para igual.

Foi um deputado da Alsacia, Oberkiclé, quem assim falou.

As alianças firmadas, os tratados em curso, os acordos formulados, perdem com efeito o seu poder real sempre que haja desigualdade nas partes contratantes. Já não é apenas o orgulho nacional que está em causa em relação ao supostamente mais fraco, mas a segurança futura, a certeza de uma observancia leal do opositor, em relação ao reputado mais forte.

Daladier, por seu lado, insistindo, o que vem sendo uma característica da sua eloquencia, nas afirmações de republicanismo nacionalista, vai mais longe e clama o que sendo curial nem sempre anda presente nos espiritos:

—Na Democracia a lei é soberana, e se o não for então não haverá mais Democracia.

A formula obteve nesta sua expressão simplista o accordo geral. E' que não se ignora que as crises da Democracia derivam do desrespeito pela lei, ou da fraqueza na sua applicação.

Por isso é tanto mais difficil governar em democracia, ante a sujeição á força da lei, quanto nos regimes fora dela o governo é mais facil na utilização da lei da força.

\* \* \*

**D**E TOQUIO transmitem á «Reuters» a opinião de um correspondente em Macau do jornal «Asahi», relativa á valorização economica do sul da China, a efectuar pelo Japão, e que só seria possível com a cooperação de Portugal.

Trata-se da hipotese da construção de um caminho de ferro que ligue Macau a Cantão, ao mesmo tempo que se realizariam melhoramentos no porto de Macau. Este nosso porto ficaria a ser então o mais importante de todo o Extremo Oriente.

A opinião do correspondente do «Asahi» pode ter um interesse de alto relevo se corresponder a um pensamento já esboçado, a um projecto em germe, e, sobretudo, se se apoiar em possibilidades tecnicas previamente estudadas.

Só então se passaria a encarar a condicionalidade financeira, melindrosa em casos desta natureza, sempre na perspectiva da ameaça de condomínio.

Julgamos, porém, ou julgamos saber, que se trata de uma opinião interessante mas desamparada, ou de uma sugestão—a distancia.

Lembremo-nos, porém, que é sempre destes isolados esboços de grandes obras—que essas grandes obras surgem um dia.

De ontem para hoje

Em Lisboa

No 2.º Tribunal Militar Territorial foi condenado em dez anos de prisão maior celular seguidos de vinte anos de degredo com prisão no lugar de degredo por dois anos, na alternativa de binta e um anos de degredo, o ex-furriel Francisco Horta Catáino, que chefiou o assalto à tesouraria de Finanças da Lourinhã.

Na provincia

Quando pretendia atravessar o rio Zezere a cavalo num jumento, proximo de Boidobra, o sr. Felisberto Rancero, de 70 anos, foi arrastado pela corrente e morreu afogado.

No estrangeiro

- Daladier oteve na Câmara dos Deputados uma maioria de 74 votos, registando-se 54 abstenções.
- Foi apedrejado o consulado de Italia em Bastia.
- Em Milão repetiram-se as manifestações anti-francasas.
- Os deputados ucranianos à Dieta polaca apresentaram uma moção pedindo a autonomia para os territórios habitados por ucranianos, que abrangem cerca de sete milhões de habitantes.
- Dizem de Berlim que vão ser suavizadas as medidas contra os judeus.
- Fala-se no regresso de Eden ao Governo, como ministro dos Dominios.
- Um jornal nipónico diz que o Japão pensa num acordo com Portugal para construir um caminho de ferro de Cantão a Macau, o que faria deste nosso porto o mais importante do Extremo Oriente.

O Natal dos nossos pobres

Aos nossos leitores e amigos

Continuamos a esperar que os nossos leitores correspondam ao nosso apelo para os pobres protegidos pelo «Diario de Lisboa» tenham um Natal tanto quanto possível agradável. A seguir publicamos mais uma lista de donativos recebidos:

Transporte	870\$00
A. Albuquerque, do Mangualde	10\$20
Uma amiga dos pobres	2\$00
Dos irmãos	20\$00
J. C. R.	30\$00
Anonimo	10\$00
Lisboeta	15\$00
Uma actriz	20\$00

A transportar ..... 1.000\$20

ASSEMBLEIA NACIONAL

A sessão de hoje na Assembleia Nacional abriu ás 15 horas, respondendo á chamada 64 deputados.

Antes da ordem do dia, o sr. de Abel Varzim enviou para a mesa um pedido para lhe ser foncacia lista dos estrangeiros que ao abrigo do decreto 22.827, de 14 de julho de 1933, trabalham em Portugal, e dos portugueses que, tendo-se naturalizado estrangeiros aqui ficaram.

O sr. Dr. José Alberto dos Reis suspendeu em seguida a sessão para se eleger a comissão de condicionamento de projectos de lei a que se refere o paragrafo unico do artigo 94 da Constituição. E antes nos deu para apreciar as contas publicas de 1924 uma comissão composta pelos srs. engenheiros Araujo Correia, coronel Linhares de Lima, dr. Diniz da Fonseca, Juvenal de Araujo e Rodrigues de Almeida.

Recebia a sessão, procedeu-se á chamada para a eleição que deu o seguinte resultado: srs. Mamede Pinto, Aguedo de Oliveira, Nobre Guedes, Diniz da Fonseca, Schiappa de Azevedo.

Mario de Figueiredo e Luiz José de Pina. Tiveram tambem votos os deputados Boteicho Neves, Linhares de Lima, Freitas Morais, Angelo Cesar e Garcia Pereira.

A sessão foi encerrada ás 16 horas, passando a ser apenas de estudo.

A sessão da proxima segunda-feira é plenária e para discussão da proposta de lei de receitas e despesas.

Descoberta arqueologica

OSTIA. 10.— Nas escavações a que se está procedendo no recinto da antiga cidade foi encontrada uma formosa estatua grega do seculo II.—(United Press).

DESFAZ-SE UMA DUVIDA QUE COMEÇA

O ultimo comandante do iate real

«El-Rei, perante as minhas objecções, accedeu.— Está bem; vamos para Gibraltar.»

afirma ao «Diario de Lisboa» o ex-capitão de em referencia a uma frase atribuida à rainha

(Continuação da 1.ª pagina).

«Não temos carvão para chegar a Vigo!»

capitão de fragata deixou de existir ha vinte e oito anos...

Compreendi e vou-me justificar, mas ele interrompe:

—Despi para sempre a minha farda em outubro de 1910.

—Todavia—intervenho agora—a conduta nobilissima de V. Ex.ª é de molde a que constitua uma honra para a Marinha, considera-lo sempre official. Se me der licença, tratá-lo-ei por comandante

—Como quiser. É uma amabilidade que tenho de agradecer.

A primeira impressão que este homem me causou, logo transformada quasi radicalmente, só agora me permite observar a sua estranha indumentaria, os seus calções de bombazina, as suas meias de desportista resguardando até ao joelho umas canelãs quasi imperceptíveis... Que curioso este velhote!

Não acredito...

Chegou o momento de expôr o objectivo da minha visita e confesso que me senti embaraçado ao pensar no meu encargo: fazer falar alguém que, por elegancia, por correção, emudeceu ha quasi três décadas...

Enquanto o Diniz Salgado prepara a maquina, resolvo-me a entrar corajosamente no assunto:

—O comandante leu, certamente, a entrevista que a rainha D. Amelia concedeu a Leitão de Barros para o «Seculo?»

—Sim. Li-a toda. Achei-a curiosissima.

—Não lhe passou despercebido, então, aquele periodo em que a rainha, ao aludir ao embarque da familia real no iate «Amelia», diante da Ericieira, diz: «Se houve um comandante com médo de morrer, não houve duas rainhas com médo de ficar?».

Pressinto que não deixarei de obter uma resposta. Conheço este homem ha dois minutos e já o vejo um marinho rude, valente, leal, mas tambem, o adivinho, na ponte, um comandante sereno, reflectido.

E acrescento ainda: —O comandante em jogo é, sem duvida, V. Ex.ª...

—Sim. Eu era, na verdade, o comandante do iate real «Amelia». Coube-me, em 5 de outubro, essa dolorosa commissão de serviço...

Espero. Ha uns momentos de silencio. O comandante vai dizer-me mais qualquer coisa. A entrevista começou. E ouço-o. Todo eu sou ouvidos.

Tive, de facto, por certas razões, uma influencia decisiva no rumo que o «Amelia» tomou. Devo, porém, dizer-lhe desde já que não acredito que Sua Magestade tenha pronunciado essa frase nos termos em que a li.

—Mas, comandante, Leitão de Barros seria incapaz...

—Ah! Sim. Não duvido um instante da boa fé do jornalista. Mas nisto de entrevistas, especialmente entrevistas daquelle natureza, é preciso muito cuidado. A's vezes, sem querer...

E, accentuando melhor: —A familia real fez sempre o favor de me distinguir, antes e depois do exilio por forma que jamais poderei esquecer. A sr. D. Amelia honra-me frequentemente com as suas noticias. Não posso convencer-me... Não me convengo. Que quer?»

—V. Ex.ª foi hospede de D. Manuel, em Inglaterra...

—Sim, na sua casa de Richmond. Tratava-me, mais do que com amizade, com carinho. Um dia, porém, teve que me pôr fora...

E explica: —A casa era pequena e annunciou-se a chegada do infante D. Afonso. O sr. D. Manuel, quasi paternalmente, disse-me: «Hoje não podes cá ficar, João. Vem o tio Afonso e não tenho quarto para ti».

Pretendo evitar que a nossa conversa se transfira para o campo, aliás sempre curioso, dos episodios intimos e ponho o problema concretamente:

—O comandante falou-me de certas razões que o levaram a ter uma influencia decisiva no rumo que o «Amelia» tomou. Pois bem. O «Diario de Lisboa» desejará torná-las publicas pela boca de V. Ex.ª. A oportunidade é esplendida.

João Caldeira levanta ligeiramente as suas pequenas e magras mãos, muito espalhadas, franse a testa e, com um acceno de cabeça, parece dizer-me:

—Mas para quê? Para quê? São coisas que morreram, é historia antiga, cinzas do passado...

Nada disso, porém. Este velho e honrado marinho, sempre leal e dedicado ao Rei e á Monarquia, exemplo admiravel de firmeza de caracter, vai falar para o publico, aos 83 anos de idade. Para desmentir alguém? Não. Para se justificar? Talvez.

Lucido, com a lucidez daquelle dia em que, na ponte do «Amelia», mandou suspender ferro e andar a vante para a sua ultima viagem com a farda de marinho e a coroa no boné, o comandante Caldeira fita-me com estas palavras:

—Tenho contado isso a tantas pessoas...

—Mas pode contá-lo hoje ao «Diario de Lisboa»...

—Pois sim, contarei. Mas com uma condição: já que me disponho a fazer-lhe um relato, tem de ser desde principio...

—Não sei bem o que é que o meu amavel interlocutor chama principio, mas não levanta obstaculos:

—Para as suas palavras não ha limite de espaço, comandante.

E o relato começa:

—Quando rebentou o movimento encontrava-me em terra. O iate real estava em Cascais. Tinha a bordo o meu immediato, capitão-tenente Moreira da Sá. Considerei a situação e resolvi avistar-me, sem demora, com Sua Magestade.

—No dia 4, não é verdade?

—Sim. Estavamos no dia 4. Fui a pé, a caminho das Necessidades. A artilheria da esquadra revoltada visava o palacio real. Ao aproximar-me, comecei a sentir balas por todos os lados. Prosegui. No palacio disseram-me: «Sua Magestade seguiu para Maфра».

E, depois duma breve pausa:

—Tranquilo quanto ao meu navio, mantive o proposito de me apresentar ao soberano. Onde ele estivesse, estaria eu. Foi uma odisseia para conseguir meio de transporte e, depois, outra odisseia para alcançar Maфра. Mas, enfim, consegui lá chegar ao crepusculo. As noticias de Lisboa não eram boas.

—Já se falava na saída da familia real?

—Sim, falava-se em ir para Vigo.

—O comandante fez objecções?

—Uma, fundamental: o carvão que tinha a bordo do iate não me garantia que chegasse lá.

—E disse-o ao rei?

—Com a verdade e a lealdade de sempre. Além disso, lembrei: quem nos diz a nós que o movimento não é combinado com alguns espanhois e que, ao chegarmos a Vigo, não encontramos lá tambem a revolução?».

Falando com vigor, até com enthusiasmo, o comandante fecha assim este capitulo.

—Enfim, a hipoteses de Vigo foi posta de parte. Era impraticavel.

«Se Vossa Magestade determinar...»

O jornalista tem agora o caminho aberto, a função simplificada. O entrevistado prossegue:

—A noite de 4 para 5 foi de resolu-



O comandante João Caldeira

ções. Suas Magestades desejavam, de facto, ir para o Porto. O iate real foi mandado avançar de Cascais para a Ericieira. Na manhã de 5 embarcaram-se. Com que destino? Eu ainda não tinha a certeza.

—Foi então V. Ex.ª que dissuadiu o rei de ir para o Porto?

—Não é ainda o momento. O comandante continua:

—Fomos de Maфра para a Ericieira. Ao largo da Praia do Peixe lá estava o meu navio. Embarcámos com Portugal no coração... O sr. D. Manuel continuava com a mesma ideia fixa: seguir para o Porto.

João Caldeira reflecte uns momentos, parece querer focar melhor uma imagem diluida pelo tempo e diz-me:

—A minha função e as minhas responsabilidades de comandante estavam em jogo. Eu tinha confiada á minha guarda, a familia real.

Fuga dum preso

Encontrava-se ha dias nos calabouços do Toral Carlos Ferreira, o «Piés», que foi preso pela Policia de Segurança por fazer parte duma quadrilha que tem praticado varios furtos de correntes, relógios e cartões.

Como o preso tivesse adolecido nos calabouços do Toral, foi hoje acompanhado por um agente da P. I. C. ao hospital do Desterro.

Ao passarem no Campo de Santana, o preso conseguiu evadir-se.

Comer bem por pouco dinheiro...

É o que se consegue, almoçando ou jantando no Restaurante Colombo (rua do Arco do Bandeira, 41 e 43—antigo Vilas), onde se servem á lista pratos excelentes e baratos. Na cova funda, o melhor vinho de Lisboa e diversas comidas a preços sem competencia.

Hoje surp. masc. Nov 30—

ARCADIA Am mas

VA A SER HISTORICA

UMA GRANDE FIGURA DA IGREJA

«Amelia» justifica-se

O CARDIAL VERDIER SAUDA PORTUGAL

e refere-se ao nosso país em termos elogiosos

ou por me dizer: Podes largar»

ragata João Velez Caldeira, Dona Amelia de Orleans



político da sua posição: queria ser, como sempre foi, um homem cheio de dignidade, de aprumo, de elegancia moral, um chefe.

—Mas V. Ex... —Eu, como comandante, tinha de velar pela vida e pela integridade dos meus soberanos, tinha de vêr, friamente, o problema sob outro aspecto. Cumpri o meu dever. Tenho a consciencia tranquilla.

—Este o ponto da nossa conversação que mais preoccupa, que mais interessa, que apaxiona mesmo o comandante. Insiste nos seus pormenores. Compreendo o esabafio deste comandante que não teve medo, que não perdeu nunca; mesmo nas horas mais perturbadas; a noção do seu cargo:

—Fiz ver tudo isto ao soberano, mas senti ainda a sua insistencia.

—O comandante não poderia, porçim, opor-se indefinidamente a vontade do rei...

—Sem duvida. Recordo-me ainda das palavras que então lhe disse: «Meu senhor, obedeço, como sempre, a El-Rei! Se Vossa Magestade determina vamos para o Porto. A minha opinião de comandante, todavia, já Vossa Magestade a conhece...»

—Estavamos no ponto culminante da entrevista. Quem teri dito, então, a ultima palavra? O comandante—vejo na sua fisionomia uma sensação de alivio, sinto que lhe tiraram de cima um grande peso —esclarece uma duvida que correu mundo, desfaz uma injustiça que ia entrando na historia ao lado de tantas outras:

—Sua Magestade, fixando-me, retorquiu: «Está bem; vamos para Gibraltar. Podes largar».

Os olhos deste velho parecem-me embaciados por uma, por duas lagrimas. Saudade, tristeza, alegria? Não sei, nem procuro saber. E a cena modifica-se outra vez. Daquele marinheiro ativo, forte, decidido, passo a vêr apenas uma recordação veneranda, quasi tremula, carinhosa.

—Numa voz mais baixa, sumida, diz-me ainda:

—Avaliari o meu estado de alma quando tive de dizer: «Toda a força a vante! Leme a estibordo...». Mas tinha de ser... Metemos ao largo. Lá fomos.

«Vais levar o navio a Lisboa. O iate é da nação, não é meu.»

O comandante Caldeira domina a emoção, recobra os seus traços de energia que não se apagam de todo. Lembra-me um daqueles velhos almirantes reformados de Inglaterra, jogadores impetentes de golf o pescadores entusiastas dos fins de semana.

—Em Gibraltar—acrescenta com vivacidade—já fora da Patria, El-Rei continuava a ser, como seria sempre, até á morte, um grande português.

E cita este episodio: —Depois do desembarque declarei a Sua Magestade que aguardava as suas ordens. O sr. D. Manuel disse-me apenas: «Vais com o navio para Lisboa e entrega-lo. O iate não é meu, é da nação. Adeus, João, boa viagem...»

Já de pé, o comandante diz-me ainda:

—Foi tudo. Cheguei a Lisboa, apresentei-me ao major general e solicitei a minha demissão de official. Estava terminada a minha carreira de Marinha. E, quere saber? Foi a primeira e ultima vez que sai para o mar a comandar o iate. Tinha sido nomeado há pouco tempo. Antes não fosse...

Apresento-lhe as minhas despedidas e os meus agradecimentos. Saio. O portão fecha-se de novo. Deixo João Caldeira entregue á tranquillidade solarenga desta moradia acolhedora.

Mais do que isso, sinto que o deixo entregue á tranquillidade reconfortante da sua consciencia.

M. de O.

O cardinal Verdier, venerando arcebispo de Paris, a quem os franceses chamam, de há muito, o «Cardial edificador», após uma demorada entrevista com o distinto jornalista André Lefort, enviado da Emissora Nacional, entregou-lhe a seguinte mensagem dirigida a Portugal e aos portugueses, que será lida ao microfone, hoje, ás 21 horas:

«Queridos amigos de Portugal:—De muito boa vontade, aceito dirigir-vos a palavra.

—E para mim a oportunidade de dizer-vos a recordação inesquecível que guardo do vosso belo país, da sua luz enoantadora, da vossa esplendida capital. Mas o que é melhor ainda, e que eu não posso esquecer, é que os filhos de Portugal vieram á terra de França ajudar-nos a ganhar a victoria. E eu quero agradecer-vos.

A vossa Historia é mui bela, e mostra-nos que Portugal contribuiu poderosamente para a civilização cristã. Vós sêis, como a França, uma nação latina. Eu senti, quando estive entre vós, um verdadeiro parentesco de gostos, de aspirações, de cultura, parentesco que devemos a fé cristã que é a dos nossos dois países.

Deixai-me dizer-vos tambem que o vosso eminente cardinal de Lisboa, monsenhor Cerejeira, e o arcebispo de Paris receberam no mesmo dia e das mãos do nosso grande Papa Pio XI as honras da purpura romana. Nós somos, pois, como dois irmãos. Enfim, Portugal dá neste momento ao mundo um espectáculo altamente instrutivo. Ele soube realizar com felicidade a união da liberdade com a autoridade.

Por todos estes motivos, ousou pedir-vos, meus queridos amigos, que façam com todos os católicos do mundo, e unidos ao nosso grande Papa, a «Cruzada da Caridade».

—Ginjo é preciso que os católicos sobretudo mostrem pelos seus exemplos e pelas suas palavras, que são os apostolos da caridade.

Dêr-se-lha que o odio entre os povos, e tambem entre os individuos, se estabeleceu permanentemente nesta pobre Terra e que o Mundo nunca foi

O Chefe do Estado presidiu

a uma sessão na Casa Pia

Com a assistencia do Chefe do Estado, ministro do Interior e outras nidades officias, realizou-se hoje na Casa Pia de Lisboa uma sessão solene para inauguração do novo ano lectivo e distribuição de premios aos alunos.

A' chegada do sr. Presidente da Republica foi-lhe prestada guarda de honra pelos alunos, com a respectiva banda de musica, que executou o hino nacional. Encontravam-se tambem á entrada os srs. coronel Camara Leme e Sá Marques, respectivamente, director e sub-director daquele estabelecimento de ensino e todo o corpo docente, bem como os restantes funcionarios superiores.

No gymnasio effectou-se, em seguida, uma sessão, á qual presidiu o sr. general Carmona, lideado pelos srs. ministro do Interior, director geral da Assistencia e coronel Camara Leme, que abriu a sessão, acentuando o significado da festa.

Seguidamente, o sr. professor Cruz Filipe leu um interessante trabalho escrito pelo illustre artista Pedro Guedes sobre «O ensino de desenho na Casa Pia».

Por fim o sr. Mira Mendes salientou o valor do ensino e referir-se em termos elogiosos á Casa Pia, concluindo por elogiar os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar.

Por entre applausos, o sr. Presidente da Republica collocou no estandarte da Casa Pia as insignias da Ordem de Benemerencia, e procedeu depois á distribuição de premios.

A espionagem na America

CRISTOBAL, (Canal do Panamá), 10.—O general Richard More, comandante do sector do Atlantico do Corpo de Engenheiros, ao depôr como testemunha no processo contra os quatro individuos acusados de espionagem e que foram presos quando fotografavam o Canal, declarou que as fotografias dos locais que os reus haviam tirado podiam servir para uma potencia inimiga atacar os Estados Unidos. —(United Press).



S. E. o Cardinal Verdier

tão infeliz. Mas é preciso que os povos, como os individuos, se amem uns aos outros. Esta é a vontade de Deus.

E se os povos se amassem, os conflitos apaziguari-se-iam, os problemas resolver-se-iam sem esses horríveis massacres que são as guerras de hoje.

Meus queridos amigos, agijamos todos os menageiros da caridade. Seremos assim os melhores servidores da paz!

Eu vos saúdo e vos ofereço todos os meus votos, para vós, para os vossos lares, para a vossa nobre Patria».

O PORTO pelo telefone

O temporal teve hoje grande violencia PORTO, 10.—O temporal que vem acaudando a cidade há alguns dias teve esta madrugada um periodo de grande violencia.

Cerca das 6 horas, a chuva e o vento, acompanhados por forte trovoadas, causaram pânico na cidade.

Era um autentico diluvio que transformou as ruas em ribeiros e as praças em lagos.

O grande caudal de agua fez aumentar a corrente do rio Douro, correndo as aguas deste com muita velocidade.

Cerca das 13 horas, uma barcaça carregada com areia, tripulada por José Garrido, seu proprietario, Manuel de Sousa e quatro mulheres, que vinha do Cabelado para o Porto, com a força da corrente foi impedida para o mar, com grave risco de naufragio.

Chegou a sair o salva-vidas da Foz.

Valcu-lhes serem impedidos para perto da Meia Laranja, onde foram socorridos por populares que lhes lançaram cordas, salvando-os.

A forte ventania que tem soprado todo o dia atingiu cerca das 10 horas, uma velocidade horaria de 67 quilometros.

A' tarde, porém, o tempo melhorou um pouco.

A «Semana da Mãe»

Hoje, ás 10 horas, as dirigentes da Obra das Mães pela Educação Nacional, organizadora da primeira «Semana da Mãe», acompanhadas por numerosas entidades, realizaram uma demorada visita á Maternidade dr. Alfredo Costa, onde foram recebidas pelo seu director sr. professor Augusto Monjardino.

Dali seguiram para a Maternidade dr. Magalhães Coutinho, onde as recebeu o director, sr. professor Costa Saadoura.

As duas exposições inauguradas pelo Chefe do Estado no Liceu de D. Filipa de Lencastre, de berços historicos e berços confeccionados e oferecidos pela Mocidade Portuguesa Feminina para mais operarias, encontram-se patentes ao publico até ao dia 14 do corrente, das 15 ás 18 horas.

alando ao nosso redactor

E acrescenta: —Isto, na vida dum homem, é alguma coisa. E, para defender os meus soberanos, de que dispunha eu? Além da minha lealdade e da dos meus homens, as peças de salva do «Amelia».

—Em contrapartida, o inimigo... —Disponha, além de outros navios, de três cruzadores: o «D. Carlos», o «Adamastor» e o «S. Rafael». Qualquer ferozes chegava para nos apresar sem um tiro.

Defendendo melhor o seu ponto de vista, o comandante acentua:

—Com o iate real apressado pela esquadra, a quem cabiam as responsabilidades? A quem cabem sempre, de resto, as responsabilidades do que succede a um navio? Ao seu comandante. Ali, não era o navio; o navio: era o rei.

—Mas o sr. D. Manuel insistia... —Sim, Sua Magestade via o aspecto

VIDA ARTISTICA

Exposiçãõ de Edgar Bohlman

Edgar Bohlman é um pintor americano de grande merecimento que hoje expõs, no estúdio do Secretariado de Propaganda Nacional, quarenta e cinco telas. Trata-se dum artista conhecido na Europa, que já fez em Paris duas exposições e exhibiu os seus trabalhos no Salão des Tuileries.

A exposiçãõ foi hoje inaugurada, pelas 16 horas, pelo sr. ministro da America e senhora, os quais foram recebidos por Edgar Bohlman e pelo sr. Antonio Eça de Queiroz, director dos serviços exteriores do Secretariado.

LINITA

E' o unico colchãõ de arame que tem condições proprias para evitar a aderencia de parasitas. R. D. Pedro V. 75. Telefone 25448.

BAILE DE MASCARAS com as e entrada livre ás senhoras idas.

numeros pelo conjunto de VISTAS INTERNACIONAIS — 30

QUESTRA ALMEIDA CRUZ

Chã dançante com as meslidades.